



Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

12 de Setembro de 1998 • Ano LV - N.º 1422  
Preço 40\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa  
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

## O meu primeiro encontro com África

### Impressões colhidas no quotidiano de Maputo

**E**SCREVO estas notas depois de me encontrar, há mais de um mês, em África, na Casa do Gaiato de Moçambique, enquanto, em Portugal, Padre José Maria retoma forças.

Não é fácil traduzir este meu primeiro encontro com África, com o seu povo, com esta terra. Trata-se de impressões colhidas no quotidiano de Maputo, *flash* do alto da Namaacha, horizontes da Costa do Sol, instantâneos na praia de Bilene.

A terra, fértil e pródiga, indicia por todo o lado a vida como dom e gratuidade. Vida natural, vida humana. A prodigalidade da mãe-terra condiz bem com a fecundidade humana. Contudo, uma e outra não caminham lado a lado. Há desencontros e a fome adquiriu direitos de cidadania.

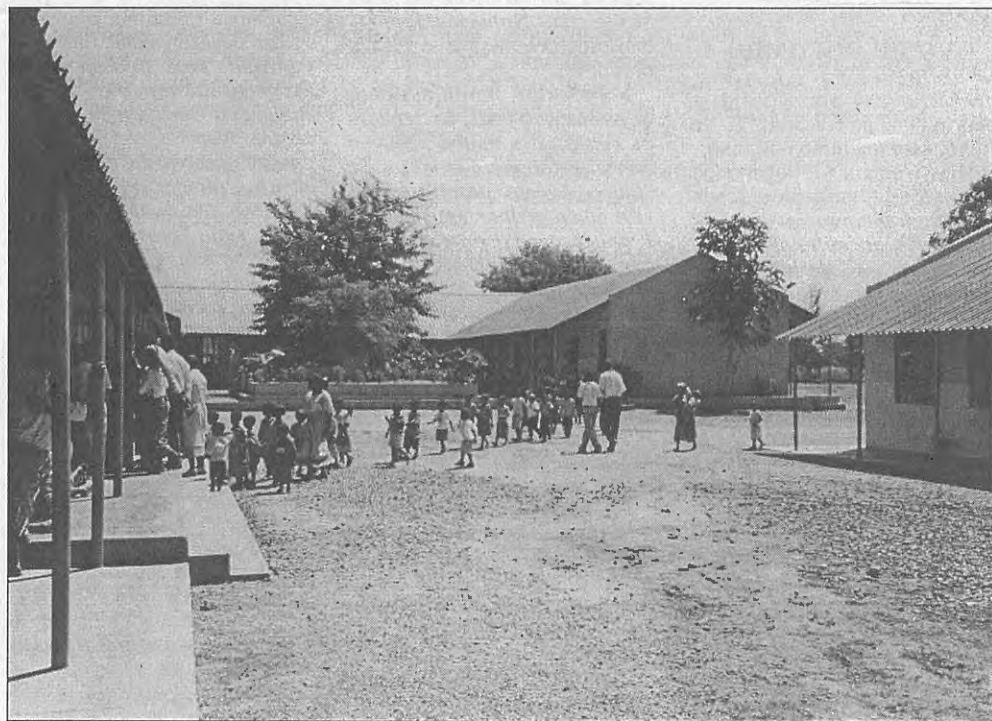
Maputo é, ainda, cidade de contornos coloniais inegáveis: A traça arquitectónica, as suas avenidas, largas e fundas, ombreadas de acácias rubras... É o Índico, porém,

que lhe oferece a feição e beleza singulares que a identificam no espaço e no tempo.

A degradação do espaço urbano é visível e a poluição ambiental atinge elevadas cotas. A níveis diferentes, a qualidade de vida. O comércio processa-se em todos os lugares. É um vai-vem constante de pessoas e bens. Mercado nos passeios e feira-franca nas avenidas. Toda a gente envolvida. Esta a principal ocupação da cidade: o comércio. Os jovens e muitas crianças, intermediários. É a luta pela sobrevivência num país que luta pela mudança e anseia pelo desenvolvimento.

### O povo não tem poder de compra

Há de tudo e para tudo. Meticais são aos milhares e negócio razoável só com milhões. É o preço de tudo. O povo não tem poder de compra. O salário mínimo nacional não chega para fazer face às necessidades básicas. Compreende-se bem, neste contexto, a política dos expedientes, variados e de contornos nem sempre claros. Encontramos gente a fazer de



Massaca — Nome que liga a acção da Obra da Rua, em Moçambique, fora do âmbito da Casa do Gaiato.

tudo, aproveitando tudo; e tudo vale para negócio. Vive-se para satisfazer o imediato. A tentativa de mudança, a burocracia revela-se, no pólo oposto, ameaçadora.

É assim a vida deste povo simples e afável, afeito à dureza do quotidiano que, apesar de tudo, parece não ter perdido a esperança de viver, de dias melhores, que nos acolhe com rara simpatia.

Percebe-se um entendimento fácil con-

nosco. É a nossa língua comum. São os traços de uma presença cultural fraterna, o nosso modo de ser e estar, a bondade natural deste povo. Tudo somado, abrem-se grandes perspectivas de futuro. Moçambique representa um grande desafio ao investimento de bens e pessoas e os portugueses estão em vantagem. Há abertura política; e a paz, um bem desejado e promissor.

Padre João

### BENGUELA

## Servos da mesa dos Pobres

**H**OJE aconteceu a ordenação de 23 diáconos para a igreja de Benguela. A missão do diácono anda ligada, desde a origem, ao cuidado dos Pobres. Neste sentido, a alegria deste dia é a alegria da Mãe Igreja que deve ter o olhar voltado, com predileção peculiar, para o mundo dos miseráveis, dos Pobres. E eles são tantos que comem a vida de alguns, pelo menos, que se disponham a morrer por eles.

Há dias, numa reunião de alto nível, foi dito, diante do supremo magistrado da nação, que era necessário travar e impedir o crescimento progressivo da miséria do povo. É verdade que a miséria avança progressivamente. Sentimo-lo, em nossa carne, diariamente, na gente que vem procurar a migalha que lhe permita viver por mais algum tempo. O número aumenta e, sozinho, muito pouco podemos fazer.

Quem nos dera ver as comunidades cristãs voltadas, com interesse renovado, para o cuidado prioritário com a parcela mais querida do povo de Deus. Ao menos, com a preocupação igual à dedicada ao anúncio da Fé. Ao participar na cerimónia do nascimento dos novos diáconos vivi intensamente esta inquietação. A organização do serviço da Caridade nas comunidades cristãs fala da vida da Fé, se séria ou não, dessas mesmas comunidades.

A multidão encheu o largo onde decorreu a celebração. Outra multidão ficou a aguardar a chegada dos servos da mesa dos Pobres — os diáconos.

Continua na página 3

### Uma carta...

*«Chegada é uma das épocas do ano em que, recebido o subsídio, uma séria força nos abana seriamente e nos obriga a confrontar deveres e direitos... E a pensar:*

*Porque haverá uma 'Declaração Universal dos Direitos do Homem' e, em vez dela, não há uma Declaração Universal dos Deveres do Homem, se o dever é forçosamente anterior ao direito, só sugerido este por omissão daquele?*

*Se todos cumprissem o seu dever, o direito morreria à míngua de sustento (se alguma vez tivesse chegado a nascer, o que não é crível).*

*Se o cumprimento do dever só pode gerar paz, justiça e amor é a exigência do direito não raro conduz ao conflito, porque será que, hoje, mais do que nunca, as bocas quase só se abrem, desde manhã até à noite, para clamar ou reclamar direitos?*

*Porque será que o DECÁLOGO só apresenta deveres e nem um só direito? Apesar de tal exclusão, não teria o seu Autor, de modo implícito, acautelado todos os direitos imagináveis?...*

*O mundo parece ter-se transformado numa vasta coutada de caçadores de direitos que disparam em todas as direcções, na esperança (quase certeza) de que alguma peça sempre cairá ferida, quando, ao fim e ao cabo, direito, direito mesmo irrefragável, primordial, só há um — o do cumprimento dos deveres, maravilhosamente substanciados no DECÁLOGO. Tudo o mais — quase só vias sinuosas que conduzem a mil tiranias, desde as familia-*

## Deveres e Direitos

*res, sociais, até às internacionais, todas elas de miríades de matizes. Todas elas a confluir na sacralização do absurdo de instituir como direito o incumprimento do dever.*

*Perdoe-me. Certamente que já venho a pesar demais para a paciência que lhe pode restar das consumições quotidianas. Por isso, vamos ao dever que, do confronto no início referido, saiu, naturalmente, triunfante. Segue junto, pois, um cheque de incondicional aplicação. Só peço, se nisso não vir inconveniente, que me faça o favor de remeter declaração de recepção para efeitos de IRS, já que é a maneira de manter um circuito de mínima responsabilização do Estado, através das deduções com que artatamente nos acena, para comodamente se fazer substituir nas suas obrigações. Já que nos dispusemos a entrar no jogo, aceitemo-lo, para que, do aceno, alguma coisa, por pouco que seja, resulte em bem.*

*Votos das maiores felicidades para todos quantos, sem excepção, educadores e educandos, aqui e em África, têm na alma o sinal indelével da Obra da Rua.»*

### ... sazonal

Há vários anos, no Verão e no Natal, este nosso Amigo nos envia o respectivo subsídio, ao qual entende renunciar em favor de quem tem menos, sempre acompanhado por considera-

ções muito pertinentes de que temos já publicado excertos. Desta vez vai a carta, quase na íntegra.

Na verdade, subscrevemos a substância do seu pensamento, que aliás os Padres da Rua temos abordado muitas vezes, sobretudo a propósito dos direitos de paternidade *versus* deveres da mesina. Quanto a estes é chocante a irracional oficial à ausência do seu cumprimento, a par da prolixidade das leis e medidas visando remediar tal incumprimento. Da prolixidade... e da inadequação, porque tudo o que não bebe da verdade simples da Natureza que Deus fez (e o homem vai sabotando) também não pode conduzir a um autêntico bem!

E não apenas nesta área dos *órfãos de pais vivos*, a realidade é chocante. Em todo o campo social, cada vez é mais difícil a sobrevivência dos pequenos perante a ameaça de esmagamento pelos grandes. Como vivem e para onde vão os pequenos agricultores, os pequenos comerciantes e industriais perante o avanço das multinacionais, das «grandes superfícies», das indústrias com tecnologia de ponta?

O homem tem fabricado o progresso contra o Homem e não se vê quem o pare nesta caminhada sem tino.

O nosso correspondente está plenamente certo na afirmação de que «o dever é anterior ao direito». Para que seriam Tratados e Tratados de Direito Criminal numa sociedade sem crimes?

Continua na página 3

# Pelas CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

### OVO DE COLOMBO —

«Habitacões para famílias necessitadas» era o título, a uma coluna, na edição de 25 de Julho, dum matutino nortenho.

Uma Câmara (de localidade do distrito e arquidiocese de Braga) «tenciona investir 10 mil contos, até ao final do ano, na recuperação de habitacões de famílias necessitadas, admitindo aumentar esta verba no Orçamento de 1999. A proposta foi aprovada por unanimidade pelo Executivo municipal, estando a concretização dependente da aprovação da Assembleia Municipal».

Mais ainda: «O documento prevê o apoio camarário a todos os agregados familiares que pretendam executar obras de beneficiação e melhoramentos nas suas habitacões, tendo em vista evitar a sua desinserção social».

O sublinhado é nosso. Isso tem um valor extraordinário, do ponto de vista sociológico, pois não é muito habitual em uma gestão do domínio público.

Curiosamente, a média nacional de habitação degradada anda por 65,2 por cento e concelhos há com mais de 80 por cento!

A Câmara está inserida numa região industrial que é um dos pólos da indústria têxtil. Gente que trabalha em fábricas ou na debilitada agricultura. Gente de mãos calejadas que muito sofreu e, agora, talvez mais, pelo fosso entre ricos e pobres.

Há quantos anos denunciámos obrigações, direitos e deveres que as edilidades, o Estado, têm para com os Pobres, aqueles que nem sempre vão além do *salário mínimo*. Agora, ele nem dá para uma renda da casa, quanto mais para a reparação duma delas.

A lição e o exemplo destes autarcas minbotos afirmam, deste modo também, que a mensagem e acção cristã de Pai Américo passa finalmente por aí.

**PARTILHA** — A contribuição habitual da assinante 14493, do Porto: vinte mil escudos «referentes ao mês de Agosto e também para a 'dívida' que terminará, querendo Deus, no mês de Setembro», em curso.

«Pequeníssima ajuda para aquilo que acharem melhor», da assinante 3107, de Lisboa, acrescentando: «Deus vos ajude e dê forças para continuarem a espalhar tanto amor à vossa volta. Se estivéssemos atentos a quem nos rodeia, talvez chegassemos finalmente a Paz».

Assinante 26074, também de Lisboa: «Um cheque, de vinte mil, pois chegou a hora para comida, roupa, remédios e outros bens necessários aos Pobres».

Igual importância, pela mão da assinante 19878: «Para todos os vossos Pobres aí vai

um pequeno donativo. Que Deus me dê muito trabalho porque, assim, poderei ajudar mais amiúde». Promessa cristã.

Dez mil, da assinante 26731, da Póvoa de Varzim, lembrando o marido que Deus haja.

«Um pequeno óbolo (dez contos), para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus», expedido pela assinante 23063, de Chaves.

Mais outro, muito assíduo, da assinante 57002, da Senhora da Hora: «É a minha pequena oferta, referente aos meses de Julho e Agosto, para distribuírem como melhor entenderem. É pouco, mas dado com muito carinho». Caridade cristã!

«Para atenderem às dificuldades dos Pobres, cinco mil», de Monção.

Idem, de «velha assinante, de Monte Estoril, para os Idosos, lembrando alguns familiares».

Assinante 32889, de Figueira de Castelo Rodrigo: remanescente de contos «para os Pobres».

Santarém, assinante 63077: «Senti vontade de mandar esta migalha, de cinco mil escudos, para ajudar a colmatar a brecha mais urgente na vossa Conferência».

Senhora amiga, há muitos anos, agora com 90, assinante 28053 que reside no centro do Porto, salda contas e destina o resto para os nossos Pobres.

Assinante 61385, do Porto: «Esta migalhinha (anónima, como sempre) seja mais uma semente de caridade».

E mais um óbolo do assinante 39172, da Feira.

A nota que publicámos, recentemente, sobre a «mãe aflita», continua com alguma repercussão:

Assinante 24851, da Capital, retalha partes fundamentais da

notícia, agrafa as ditas em uma folha A4 pautada e manda mil, pelo correio.

Faro: a assinante 29520, regulariza contas com a Editorial e, «se alguma coisa for a mais, encaminhem para a 'mãe aflita' citada n'O GAIATO de 1/8».

Setúbal: outra mãe que sofre as carências da mais aflita:

«Ajuda para a alimentação da pequenita a que se refere a notícia da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Muitas 'gotas' destas permitiriam à menina ter certo o seu leite. Espero que outras ajudem, pois, tudo quanto atinge e aflige os mais débeis, é duma desumanidade atroz que nos dilacera o coração. Este e tantos outros que vamos conhecendo por aí fora!...»

Assinante 22103, de Santo Tirso: «Li que pagam mensalmente 21.000\$00 pela refeição de um tuberculoso. Junto cheque para a alimentação do doente durante dois meses. É por amor de Deus e em agradecimento pela saúde que me tem dado — apesar dos meus 90 anos».

Dez mil, de «Uma Maria», de Famalicão, para «o tuberculoso que está a precisar de quem o ajude. Por isso, cá estou eu para dar a minha colaboração: dez mil escudos».

«Cheque abonado, do assinante 10670, de Ermesinde, «para ajuda da alimentação do doente solitário que vivia no patamar da miséria».

O nosso endereço: Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO, 4560 Paço de Sousa.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes



Miranda do Corvo — um grupo rega as árvores.

## MIRANDA DO CORVO

### LIMPEZA DE MATAS E TERRENOS —

Acabaram as nossas férias na Praia de Mira e regressámos à nossa Casa de Miranda do Corvo. Agora, é necessário ocupar toda a gente até recomeçarem as aulas. Não podemos ficar desocupados para que a preguiça não nos domine.

Os nossos pinhais e olivais também precisam de limpeza ao mato e silvas que querem dominá-los. Assim, na hora de dar trabalho o chefe organiza os grupos e aí vão eles com enxadas, forquilhas, ansinhos e

roçadeiras às costas a caminho do serviço.

Nas horas que por lá andam, agarram-se ao trabalho e assim vão ficando as árvores e os terrenos mais livres e limpos.

**GADO** — Há mais uma porca quase a parir. Os rapazes do gado têm que tratá-la melhor do que todos os outros animais para que os leitões cresçam e sejam saudáveis e fortes como a mãe, pois todos gostamos muito de carne de leitão.

**EXPO'98** — Os rapazes de Miranda do Corvo já tiveram o privilégio de visitar a EXPO'98, onde passaram o dia e descobriram coisas novas.

Quando chegaram, não podiam esconder a alegria estampada nos rostos.

Mas... não podem estar muito contentes devido às más notas escolares, de alguns, no final do ano lectivo.

João «Pequeno»

## Associação de Antigos Gaiatos e Familiares do Centro

**CONVÍVIO** — Conforme prometido no Encontro de Junho, conseguimos autorização para efectuarmos, na Senhora da Piedade de Tábuas, no próximo dia 27 de Setembro, um convívio com todos os que quiserem e puderem e suas famílias, levando cada um os *comes e bebes para o almoço*, pelo menos; e, se o tempo deixar, há condições para uns grelhados.

No entanto, este encontro tem também o objectivo de uma pequena homenagem que faremos na Casa do Gaiato de Mirando do Corvo — durante a Missa, que será por volta das 10.30 h. — à senhora D. Maria da Luz que se encontra no Lar de Coimbra e completou, este Verão, 50 anos ao serviço da Obra da Rua.

Nós, que, em maioria, habitámos aquela dependência da Casa do Gaiato, não queremos deixar passar o evento sem a nossa marca, seguindo depois para Tábuas, onde continuaremos o dia.

Esperamos que tudo corra bem e agrade.

Manuel dos Santos Machado

## LAR DO PORTO

### CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

— Estamos em período de férias, em busca de um pouco de paz. Tentamos quebrar a rotina do dia-a-dia, parando um pouco

## Encontro de antigos gaiatos de Moçambique

**R**ECUAR no tempo é necessário ao indivíduo; imperativo quando se trata de uma família com a grandeza que tem a Obra da Rua.

Por esta altura, há trinta e um anos, estava em preparação a equipa que iria fundar a Casa do Gaiato de Moçambique — Lourenço Marques. Um Padre, um casal, cinco crianças com a quarta-classe feita (ensino obrigatório), cinco adolescentes saídos das nossas oficinas de carpinteiro, serralheiro, alfaiate, sapateiro e machambeiro (agricultor).

Lá, havia outros na labuta pela vida, a trabalhar o terreno para nos receberem, ajudando na dura caminhada que se esperava.

Estamos a 16 de Agosto de 1998, em nossa Aldeia de Paço de Sousa, reunidos à volta do altar para a Eucaristia dominical e acção de graças.

Não estamos todos os daquele tempo. A vida não o permite, mas somos muitos!... Muitos porque são as esposas, os filhos e os netos. O Pai da família, de ontem e de hoje, preside à celebração na companhia de Pai Américo, junto ao seu túmulo, mais os nossos Padres Luiz e Carlos e toda a comunidade.

Padre José Maria dá uma panorâmica do ontem e do hoje, de Moçambique em geral e da sua Casa em particular. Alertou para a necessidade e obrigação de cada um ser um espelho de reflexo positivo, penetrante, a tudo e todos que nos rodeiam.



Entrega da imagem ao Padre José Maria, em nome de todos os gaiatos e familiares que têm ligações a Moçambique.

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Agosto, 70.733 exemplares.

# ENCONTROS em Lisboa

## Alguns pedidos formulados pelos meus miúdos

**D**E vez em quando sou surpreendido por alguns pedidos formulados pelos meus miúdos. Por exemplo este, disparado num início de sábado à tarde: — *Posso ir a minha casa?*

Perguntei:

— Está aí o teu pai ou a tua mãe?

A resposta não se fez esperar:

— Não.

Fiquei mais surpreendido ainda e continuei a perguntar:

— Então quem te levava?

Saída imediata:

— *la com o sr. Padre.*

Este diálogo podia ser normal e não constituir admiração. Vindo de quem veio, foi um espinho cravado na minha sensibilidade humana. Com efeito, o miúdo tem todo o direito de ir a sua casa... Acontece, porém, que, nos seus doze anos, ainda não se apercebeu de todo o drama que sua vida encerra. Está connosco há já quatro anos. O pai só teve tempo para o visitar uma vez. Na altura em que veio para nossa Casa, vivia numa imitação de casota com o pai e a avó. A avó faleceu e o pai começou a voar de um lado para o outro, de tal maneira que não sei, neste momento, onde encontrou o ninho de

alguém porque ele não é capaz de o construir. Quanto à mãe, nunca soube atrás de quem andam seus passos, quem seu regaço acolhe, seus dedos acariciam e por quem seu coração palpita.

O pedido que este miúdo me fez, foi um grito nascido no fundo do ser humano, em termos dos seus direitos fundamentais. A «minha casa» não é só uma referência a um pai e uma mãe constituindo uma família. É igualmente um espaço, um lugar, um sítio onde se colocam as raízes e se tomam referências pela vida além. Não termos esse espaço, este berço de origem, é mais um problema a acrescentar a todas as faltas de afetividade, contribuindo para o crescimento vazio de tantos jovens.

Sem muito ter pensado no assunto, encontrei-me algumas vezes a fazer um discurso que partia do mundo das plantas para o mundo humano, sobretudo com os meus miúdos que mais tendência têm para a fuga. O discurso não tem muita ciência e resume-se, mais ou menos, no seguinte enunciado:

«Já reparastes o que acontece a uma planta se constantemente a mudares de sítio? A resposta surge: «Morre». O discurso continua: «Assim acontece a uma pessoa se anda sempre a mudar de lugar na sua fase de crescimento. Nunca ganha sítio, nunca estabiliza. Acaba por se perder como vida humana útil».

Tenho encontrado alguma receptividade a este tipo de argumentação. Há dias, até o «De la Penha» dizia: — *A gente assim nem tem escola nem aprende uma profissão...* Eu diria muito mais: é a relação humana que se degrada, é a instabilidade psicológica, é a imaturidade, é o chamariz à irresponsabilidade por falta de alguém diante do qual se tenha que responder, é a insegurança, é o empobrecimento relacional, é a solidão...

Tenho achado interessante que os meus miúdos sintam o que digo. Por vezes, sinto-me desapontado diante de tantas experiências que se dizem inovadoras e colocam as crianças e jovens em patamares de espera, de estudo, de encaminhamento, de reavaliação, de procura de solução. Às vezes, passam-se muitos meses e até anos nestes patamares... A planta estiola e a vida humana degrada-se.

Padre Manuel Cristóvão

Continuação da página 1

Seja-me permitido lembrar o princípio, tão conhecido, de Pai Américo: «Cada comunidade cuida dos seus Pobres». Que maravilha se assim fosse! A alma deste movimento, porque é um sopro do Espírito, tem de ser o Padre que, no diacono, tem o seu braço direito, o que anima e faz participar. Deste modo, a comunidade será uma fogueira a aquecer, a dar vida, a atrair em vez de afastar ou provocar desinteresse. Estou convencido de que as seitas, que nascem como cogumelos, em parte perderiam o terreno que as favorecem. O «vede como eles se amam» dos primeiros cristãos é decisivo para manter a Igreja credível,

## Benguela

agora e no futuro. Creio que a janela mais apetecida para ver a Igreja, a partir de fora, é o seu serviço de Caridade. E a janela por onde entra o ar fresco e renovador da vida da comunidade cristã é o mesmo serviço. Está aqui, pelo menos, um sinal claro da vida da comunidade.

É um tema que merece grande preocupação, pois trata-se de responder a um grito de urgência de milhões de pessoas que vivem, actualmente, em estado de absoluta pobreza e miséria. De muitos já se não ouve, sequer, a voz. O caminho a percorrer seria menos duro se a paz não esti-

vesse tão ameaçada e já com muitas feridas. Por isso mesmo a urgência é maior.

Esta acção da Igreja no campo social, de forma expressa, é capaz de mudar a vida das comunidades. Motiva-as para realizações comunitárias que vão melhorar o próprio ambiente onde vivem. Estou a lembrar-me das vezes que a nossa carrinha tem de percorrer o bairro mais próximo da nossa Casa para levar ajuda, quer no transporte de doentes, de grávidas ou outra. Os lugares por onde passa são quase intransitáveis. Era tão simples e fácil mobilizar as pessoas para dar um pequeno arranjo, com enxadas ou com pás, sem dispêndio de dinheiro! Mas, nada. Há uma desmotivação quase total das pessoas. Não se sentem um corpo. Com pequenas acções muita coisa podia mudar. O serviço da Caridade também é capaz de criar uma alma nova na comunidade.

Que a festa celebrada neste domingo anime a esperança e desça à alma dos mais pobres.

Padre Carlos

Padre Manuel António

## Deveres e Direitos

Continuação da página 1

Ninguém tem a ingenuidade de supor que existe sob o céu uma tal sociedade! Mas ela seria *de facto* se todos os que a constituem cumprissem os seus deveres. Não teriam razão de ser nem jamais seriam escritos, com certeza, tais Tratados.

Não posso alongar mais esta breve participação em tema tão rico de sugestões. Deixo-o para reflexão dos que gostam de reflectir em ordem à vida.

para pensar o que a vida nos tem oferecido nestes últimos anos. Estamos a viver um período muito difícil: desemprego, empresas a falir e outras a dispensar pessoal sem qualquer respeito; mas a moda, agora, é dos contratos de trabalho temporário que criam uma instabilidade muito grande nas famílias que não sabem se, no fim, irão continuar ou voltar ao desemprego. Esta situação tem afectado muitas delas e continuará não sei até quando. Esperamos que os governantes do nosso País travem um pouco esta situação.

Os nossos velhinhos, que vivem das reformas mínimas, continuam na mesma: os medicamentos absorvem a sua migalha. Devia ser criado um apoio para estes casos: medicamentos gratuitos e melhor assistência médica e hospitalar. As famílias carenciadas, depois de providas as suas dificuldades financeiras pelas assistentes sociais — e porque não as Conferências Vicentinas que conhecem os seus Pobres — deviam ter um cartão de identificação que lhes desse direito a ter melhor assistência médica, medicamentos e subsídios para poderem superar as suas dificuldades. Sabemos que não é fácil. Mas fala-se tanto em

acabar com a pobreza em Portugal — porque não pôr em prática a melhor solução, em vez de se ficar por palavras proferidas nos gabinetes?...

Felizmente, sempre que a nossa Conferência faz um apelo, somos ouvidos; mas nós somos privilegiados, e digo isto não por vaidade mas pela realidade que é o nosso O GAIATO, tão famoso que permite que os apelos sejam lidos por muitos. Mas há muitas delas que têm dificuldades porque as ajudas que recebem não chegam para satisfazer os pedidos que aparecem.

A nossa, além dos donativos que recebe, é enriquecida com palavras que os Leitores nos dirigem. É como que uma vitamina que nos faz sentir mais fortes para continuarmos a ajudar aqueles que solicitam apoio. Sempre que nos reunimos, as orações são dirigidas também por todos os benfeitores e pedimos a Pai Américo que nos abençoe para continuarmos a acarinharmos aqueles que sempre amou: os Pobres.

Já que estamos a falar de carinho, a jovem mãe teve o bebé e correu tudo bem, graças a Deus.

Queremos aproveitar a crónica para transcrever algumas

mensagens que nos foram enviadas:

«Envio uma pequena lembrança para o bebé que a jovem mãe espera; e desejo, do fundo do coração, os maiores votos de felicidades para os dois. Vão uma botinhas que fiz com o mesmo carinho de há anos, conforme ia nascendo mais um dos meus netos.»

«Gostava ainda de dizer que leio sempre avidamente o vosso Jornal que aprecio. Assistente social que sou, tenho 'aprendido' muito com o vosso exemplo e espero continuar a 'aprender' sempre mais. A solidariedade é bem diferente da caridade.»

«Um cheque para ser entregue a uma família com dificuldades. Esta importância destinava-se à execução de uma pequena lápide para a sepultura da nossa mãe que faleceu em Novembro de 1997; mas resolvemos que seria melhor aplicada, e mais do agrado dela, enviá-la para a Casa do Gaiato.»

Assinante 9217, 10.000\$00; assinante 11794, 5.000\$00; para ajuda do enxoval do bebé, cheque de 25.000\$00.

Bem hajam.

Casal vicentino

## DOCTRINA



*Se o grão de trigo ficar à vista, não dá pão.*

**S**E eu fosse a contar a minha vida desde o princípio, faria um livro de memórias de que muito havia de gostar; mas não. Antes quero revelar as coisas mais recentes e calar as distantes. Trazia eu o pensamento ocupado com o convento de Arouca, com mira a fundar ali a Aldeia dos Rapazes quando adregei de passar por Paço de Sousa onde existe um convento beneditino consumido há três anos pelas chamas de um incêndio. — *Fique por aqui, Padre* — disse alguém. Entrei dentro das ruínas. Vi a arte, a piedade e a fé dos monges nas sólidas construções daquele tempo, sob o signo sagrado do *ora et labora*. Passei a cerca, subi à mata, olhei em redor. Soube da posição jurídica da fábrica monástica. Pedí papel e tinta. Escrevi para Lisboa. A resposta veio num rufo: — *Sim senhor.*

**T**OMEI posse a 20 de Abril. No dia imediato, em um altar da igreja românica de Paço de Sousa, sozinho, lançava a primeira pedra. Jesus Cristo é a forma viva e a pedra angular das Obras de Caridade. Fora, ouviam-se cair no chão as primeiras pedras do antigo cenóbio; começara a demolição. Não se profana; muda-se a pedra para servir a mesma causa: *trabalho e oração*. Sonhara uma Aldeia com casinhas a espelhar, habitada por garotos da rua a cultivar a terra e a comer o pão com o suor do seu rosto. Vi escolas e oficinas; pomares e jardins; folgueiros e descantes. A igreja era no meio. Crianças entravam ao repicar de sinos e dentro havia a mesma legenda dos antigos frades, num fundo de glória: *ora et labora*. Nisto abri os olhos e nada mais vi do que as ruínas do convento descarnado. Era um sonho! — *Fique por aqui, Padre; não vá para Arouca* — repete o mesmo senhor. Quantas vezes não teria sonhado com novos mundos o Infante de Sagres? Há sonhos que não são fantasia. O auto de posse foi lido por um magistrado, solenemente. Nele se diz que eu sou o director da Casa e que fico isento de selo por não ser retribuído. Um senhor a quem contei a minha

vida, deu-me trezentos contos de uma assentada, condoído; e mandou-me calar o nome.

**A** Casa do Gaiato do Porto é um aglomerado de dezoito casas de família para sete, doze e dezasseis garotos. De comum existe a casa de aulas, a casa de oficinas, o balneário, a piscina, a enfermaria, a igreja e o refeitório. Neste, sentam-se os rapazes por famílias com o pai à cabeceira. É só por economia que as casas de habitação não têm serviço de cozinha. Os pais vão da Casa do Gaiato de Coimbra; de sorte que o pequenino vadio das ruas do Porto é recebido às portas da Casa dele por um irmão que já o foi. Com esta classe de gente toda a pedagogia naufraga. Há-de ser o próprio garoto a ensinar o garoto, ou não é ninguém. A missão dos Assistentes da Obra da Rua é amar a Criança abandonada. Amá-la sem medida. E nada mais. Não se vai proceder à limpeza das ruas do Porto, mas sim transformar em homens de bem os pequeninos vadios que as povoam; ora isto só é possível com o Amor.

**O** arquitecto Teixeira Lopes tem o alçado no fim e as obras de construção em vésperas de começar. Estamos a demolir. Seria erro de origem instalar a Criança num casarão. Ela é o que é e nós temos de trabalhar consoante. Logo que o alçado esteja à vista e os alicerces também, hei-de levantar no Porto a minha voz pedinte — mas só então, que o nosso bom Povo à força de ouvir discursos e escutar promessas, já não se fia no que a gente lhe diz. Estamos desacreditados por muito falar.

**S**E tens amigos no Porto, manda-lhes este recorte para que saibam. O Padre Américo tem de morrer e o nome dele ficar nos alicerces da Casa do Gaiato, escondido; se o grão de trigo ficar à vista não dá pão. Não é modéstia; é amor à Criança abandonada. É política... do Pai Nosso. Torna-se necessário que ele desapareça para que a Obra cresça. A Obra é do Porto; de todos e de cada um dos seus habitantes. Quando me enxergarem nos púlpitos, nos teatros, nos cafés, nas ruas, nas praias, nos hotéis — é o pedinte que vai levado, o servo do garoto da rua a estender a mão para ele, por amor de Deus.

*P. Américo*

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol. — Campanha de 1943 a 1944)

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

## «Ilhas» habitadas e escondidas

EM muitas cidades, vilas e aglomerados habitacionais, há «ilhas» de habitações camufladas que passam despercebidas da maior parte do público, e, por vezes, até dos vizinhos. São famílias sem recursos, ou com eles muito poucos, que por ali se acotaram e ficaram.

As autarquias geralmente não dão conta. Preocupam-se mais com coisas grandes e vistosas. À sua vista escapam estas realidades e são estas que deviam ser objecto da sua maior atenção porque, geralmente, são abandonadas pela grande sociedade.

Um dos nossos diários trazia, há dias, esta novidade:

«É uma 'ilha' típica do 'Terceiro-Mundo'. Fica si-

tuada no centro da Vila, a dois passos da civilização. Os que ali vivem, abrigam-se num pardieiro. Frio no Inverno, quente no Verão e rodeados de água imunda por todo o lado.»

Em muitas visitas que temos feito a ver e a testemunhar a habitação degradada de tantas famílias de irmãos nossos, ficamos perplexos de como os nossos governantes vivem alheios ou desconhecem por completo o problema das «ilhas» habitadas. Um problema real. Não é invenção de ninguém.

Há municípios cujos autarcas conhecem estes grandes problemas e têm prometido solução para eles, mas ficam em promessas. Há imensas coisas que prendem mais a atenção e

vão protelando. Depois mete-se a burocracia que geralmente nestas coisas é um entrave. E os Pobres continuam à espera e vão caindo na desesperança. São levados cada vez mais a acreditar que «ajudam primeiro os que menos precisam».

Temos mantido certa esperança de que o Governo organize campanhas de construção de casas para os sem-abrigo. Já fez algumas campanhas que deram e estão a dar bom resultado: o combate à droga; o internamento e tratamento de certas doenças venéreas; e outras.

Estamos convictos de que não pode ser plano somente das Câmaras. Recebemos com muita alegria e satisfação a notícia de que no

concelho de Lisboa vão ser realojadas, até 2001, duas mil e duzentas e oito famílias residentes em barracas, realojamento que vai custar dezassete milhões de contos. Lisboa que tanto nos tem chocado e entriste-

cido ao passarmos por aquele mundo abarracado. Muitas edilidades parecem-nos de olhos fechados para este problema que julgamos urgente. Sabemos que quase todas elas possuem terrenos livres e em boas condições. Conhecemos uma, pequena em território, que é dona de muitos deles e já muito anunciados para construção, mas man-

tém-se perra para os pôr à venda e os municípios continuam à espera para os comprar e construir a sua casinha. Um exemplo como há muitos.

O problema da solução das «ilhas», dos bairros de lata e outros semelhantes é um problema da Nação, de todos nós. Todos lá estamos metidos.

Padre Horácio



«Ilha» no centro de grande Vila

## PASSO A PASSO

## Marca do vestuário

OS nossos são como todos os outros rapazes. Também nos gostos e costumes e ambições. A marca do vestuário, por exemplo, é algo de muito valor. Os olhos ficam presos e a auto-estima cresce quando se vê ou se usa uma peça de marca consagrada. Consagrada?! Comprofanada, diríamos antes, já que, se sagrada só se por causa do culto que se lhe presta.

É!, os nossos costumes estão cheios de ídolos. Não se escolhe algo pela beleza e estética que possa ter mas, em primeiro lugar, escolhe-se a marca. A esta se presta reverência e admiração. Adoração?!

E quem nos desperta a atenção e limita a mente e põe os sentidos a comandar as opções? A publicidade, explícita ou não. Ela entra com tal força de domínio na massa das gentes, que não há outra qualidade de fermento capaz de contrariar o seu poder. Mas que sabor é que esta massa há-de ter, se este fermento só leveda a matéria enquanto o espírito fica embotado? Pois, o homem também é espírito. E onde a dinâmica espiritual neste modo de viver?

Só se no acto de comprar! A experiência do dia-a-dia parece comprová-lo. E então ao fim-de-semana!...

Diz-se que há um povo que só aproveita um quarto do que produz. Os outros três quartos vão parar ao lixo. Chegado o início do mês, despejam no contentor o que existe no frigorífico e voltam a recheá-lo com apetites mais atualizados...

Todos vamos ficando assim; e o homem já não vale por ser um ser humano, mas por ter uma marca naquilo que usa. O seu valor não está no que é, mas no quem tem e traz para que todos vejam.

Quer-me parecer que este fermento vai transformando a massa humana em massa bruta! Até quando!

A consciência de que se é gente, pessoa humana, e de que o Outro também o é, há-de despertar.

Hoje tivemos três castigados à mesa: o Marco e mais dois rapazes. Todos sem sobremesa. No momento de a distribuir, o Marco diz ao chefe que está castigado, não recebendo sobremesa; os outros dois nada disseram e receberam-na. Onde a diferença? Na consciência a comandar a vida!

Padre Júlio

## PADRE AMÉRICO - MÍSTICO DO NOSSO TEMPO

## «O livro interpela e ajuda a viver o nosso cristianismo»

COMENTA o assinante 20522, de S. João da Madeira:

«Muito agradeço o 'Padre Américo-místico do nosso tempo' para que a minha colecção fique sempre completa. É um livro que interpela e ajuda a viver o nosso cristianismo hoje, confrontando a nossa vida com a nossa fé. Uma espiritualidade da qual muito tenho a aprender.»

S. Mamede de Infesta — assinante 29259:

«Recebi as obras da vossa Editorial que muito vêm também enriquecer a minha biblioteca e reconfortar, de forma assinalável, a minha alma.»

O assinante 19442, do Porto, em carta amiga com um «bem hajam!» d'alma cheia, afirma que o «Padre Américo revela-se em cada dia mais actual». São assim os «homens de um só Livro...!»

Repescando saborosas legendas, topamos um curioso lamento da assinante 57226, de Matosinhos:

«Não tive a 'sorte' de me terem enviado o volume sobre o Padre Américo!» Despachámo-lo imediatamente.

Acusando recepção de obras da nossa Editorial, o assinante 21036, da Capital, acentua:

«Se não fosse O GAIATO, eu não tinha a que me agarrar...!»

Desempolando a afirmação, pela amizade que dedica a O GAIATO, vale a pena repetir que o «Famoso» é o mais precioso legado que Pai Américo deixou. Implicitamente, aqui está com todo o fulgor!

Ouçamos o casal-assinante 67377, de Valbom (Gondomar):

«Venho solicitar os três volumes 'Doutrina' da autoria do Padre Américo; e, ainda, a aceitação dum pedido de assinatura d'O GAIATO. Aqueles, e esta, serão uma prenda de aniversário que iremos oferecer a meu irmão. Espero que essas leituras sejam fonte de vida espiritual — como têm sido para mim e para a minha mulher. Deus seja louvado por tudo o que vos tem permitido.»

Que bem!

Agora, vem lá outro casal, o assinante 26272, de Condeixa-a-Nova, que salda «dívidas» do Jornal e da Editorial:

«O nosso profundo agradecimento, o nosso bem haja pelos bens espirituais que da Obra da Rua temos recebido ao longo de quase meio século de assinatura.»

Não somos dignos de tanto amor!

Obviamente, o correio dos Leitores, hora Alta, revela o fecundo diálogo que caracteriza O GAIATO. Para o Pai Américo, além de estímulo, foi sempre hora santa, de Comunicação dos Santos.

Assinante 24021, do Funchal:

«Recebi, e com sumo agrado já o li totalmente, o livro 'Padre Américo-místico do nosso tempo'. É leitura aconselhável que ajuda a reflectir, a

orar. Oxalá o soubéssemos fazer como devemos e precisamos.»

S. Romão (Seia), assinante 32019:

«Ao receber o 'Tesouro', 'Padre Américo - místico do nosso tempo', só tive e tenho duas palavras: obrigada e perdão. Obrigada, meu Deus, por tão grande homem e tão grande santo. Perdão por tanto egoísmo e tanta indiferença nossa. (...) Que Deus vos dê força e coragem. E, a nós outros, mais e mais generosidade. Não me agradeçam! Eu é que estou agradecida; e, do Céu, vos venha a recompensa.»

Assinante 4690, da Guarda:

«O novo livro veio recordar aquilo que já noutros me tinha encantado. Tenho toda a colecção. Sou assinante d'O GAIATO há mais de 50 anos, quase desde o seu começo. E se gosto de ler jornais e livros, a pouco e pouco, O GAIATO é lido logo que o recebo. Sou viúva, mãe de nove filhos, todos adultos, mas tenho os meus encargos. Por essa razão é que só de vez em quando posso mandar 'migalhas' que não são nada para o muito que desejaria dar à Obra da Rua.»

Curvemo-nos à passagem desta Viúva, muitas ainda excluídas em uma sociedade dita cristã.

Passemos ao nosso Alentejo — Niza — para escutarmos a assinante 11672:

«Aos poucos, vou lendo 'Padre Américo - místico do nosso tempo'. Encantada! E que belas meditações...! Segue um cheque, 'gota de água' num Oceano tão rico na vida espiritual de cada um de nós. Deus é Grande e infinitamente Misericordioso. Meu marido encontra-se, frequentemente, bastante mal. Porém, a coragem e a fé não me faltam e, resignada, cá vou dia-a-dia arrastando a minha cruz com os olhos no Senhor. Despeço-me, confiante, que a oração d'O GAIATO o poderá converter.»

Saudemos a assinante 20729, de Vila Nova de Gaia, serva da Igreja, que, pela Igreja, serviu até ao fim o Senhor D. António Ferreira Gomes, nosso Bispo do Porto:

«Ainda não li o livro, mas já o folhiei. Vai ser bom para os diazinhos de férias que terei. Tudo o que se lê do Padre Américo, é uma luz para a nossa vida cristã.»

Assinante 36073, de Tavira:

«Tenho já a nova obra com muita satisfação. Ainda não a li porque está na mão da minha mãe, de 90 anos, mas, felizmente, sem dificuldade na leitura. Sou assinante d'O GAIATO que, para mim, é Evangelho vivo, e só pela força do Espírito Santo nós, pecadores, somos capazes de vivê-lo.»

Muito a propósito: «O Espírito Santo virá sobre ti e a força do Altíssimo estenderá sobre ti a sua sombra» (Lc 1,35).

Júlio Mendes